**Khronos, Revista de História da Ciência**
nº 5, maio 2018

**Dossiê – Simpósio USP "Construindo diálogos interdisciplinares"**

# Fundamentos de uma pesquisa histórica sobre o Instituto Oscar Freire — apontamentos conceituais, historiográficos e documentais

**João Denardi Machado**
Bolsista CAPES e Mestrando em Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP
joaodenardihistoriador@gmail.com

**Recebido em** 20/11/2017. **Aprovado em 09**/03/2018.
**Como citar este artigo:** Machado, J. D. "Fundamentos de uma pesquisa histórica sobre o Instituto Oscar Freire — apontamentos conceituais, historiográficos e documentais". Khronos, Revista de História da Ciência, nº5, pp. 112 - 123. 2018. Disponível em <http://revistas.usp.br/khronos>. Acesso em dd/mm/aaaa.

**Resumo:** A partir da percepção de que o conhecimento histórico é construído na tensão entre o objeto de análise e o tripé composto por fundamentos teórico-metodológicos, debate historiográfico e análise documental, o texto demonstra como a história do Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP pode ser compreendida dentro dessas definições, de forma a romper com a visão linearista e memorialista do passado da instituição.

**Palavras-chave:** História da medicina legal; história das práticas médicas; Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP.

## *Foundations of a historical research about the Oscar Freire Institute – conceptual, historiographical and documentaries appointments*

**Abstract:** Through the perception that historical knowledge is built upon the tension between the object and the tripod composed of the theoretic and methodological foundation, historiographical debate and documental analysis, the text demonstrates how the history of the Oscar Freire Institute of the Faculty of Medicine of USP can be understood inside this definitions, disrupting a memorialist view about the past of the institution.

**Keywords:** History of legal medicine; history of medical practice; Oscar Freire Institute of the Faculty of Medicine of USP.

Apesar da pós-modernidade ressaltar o peso das aporias filosóficas que permeiam a escrita da história, o modelo delineado por Edward Thompson ainda fundamenta pesquisas e debates profícuos em distintos campos historiográficos[1]. Segundo a definição do tripé da história, a explicação histórica surge do exercício de submeter o objeto histórico e as hipóteses formuladas ao constante julgamento da crítica teórico-metodológica, do debate historiográfico e da análise documental. Esse tripé, que ao mesmo tempo limita e possibilita a explicação histórica, afastando-a do ufanismo, é apresentado aqui para referenciar um estudo sobre o Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP na primeira metade do século XX, instituição de ensino médico-legal intrincada no bojo de diversos processos.

**Recortes conceituais de um objeto histórico**

A historiografia contemporânea tem como traço primordial a multiplicidade de métodos, objetos, documentos e narrativas que abarca sobre o escopo do conhecimento histórico. No que pese a crítica à fragmentação da história, a diversidade historiográfica contemporânea contribuiu para o desenvolvimento de quadros teórico-metodológicos que ampliaram os horizontes explicativos das ciências sociais e humanas. A proposta da micro-história de Carlo Ginzburg, fundamentada na apreensão do pormenor revelador através do método de saber indiciário, está dentre tais contribuições conceituais e metodológicas da historiografia contemporânea às ciências humanas, capaz de construir o social através da síntese entre detalhes interpretativos e minúcias documentais[2]. A pesquisa que introduzo hoje se posiciona dentro dos quadros da micro-história, o que significa dizer que seu objeto é entendido enquanto diferencial negligenciado que permite acessar particularmente as estruturas e as totalidades, definindo-as internamente. Efetivamente, tal objeto histórico é a cadeira de medicina legal da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, instituição científica e de ensino médico criada em 1918, batizada de Instituto Oscar Freire[3] em 1931 – nome que conserva até hoje —, que será analisada através da leitura de sinais documentais em diferentes matrizes textuais e iconográficas, datadas de 1916 a 1955 e preservadas na Faculdade de Medicina da USP.

Definir o Instituto Oscar Freire como objeto de uma análise de micro-história, todavia, não basta para direcionar a pesquisa, pois diferente do que a perspectiva memorialista da história da medicina legal concebe, a história da instituição não pode ser entendida como fluída continuidade ininterrupta de um objeto a priori. No IOF diferentes temporalidades se atravessam e se embaralham, gerando sobreposições internas e fissuras na instituição que inviabilizam a validade de um modelo linearista. Para tornar a pesquisa sobre a história do IOF exequível, é necessário definir como serão recortadas e organizadas as diferentes temporalidades que atravessam esse objeto histórico. De fato, organizar separações, sincronias, articulações e rupturas entre temporalidades aparentemente desconexas de um objeto histórico é parte fundamental do trabalho do historiador, e é precisamente nesse procedimento que o saber indiciário se diferencia pela capacidade de criar associações a partir de detalhes, como se discutirá na conclusão.[4]

---

[1] THOMPSON, Edward P. *A Miséria da Teoria*. Tradução: Waltensir Dutra. 1ª ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

[2] GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais* – morfologia e história. Tradução: Frederico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. REVEL. Jacques (org.) *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Tradução: Dora Rocha. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. LEVI, Giovanni. *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Tradução: Cintya Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

[3] Para todos os fins, neste artigo, denominaremos sempre a cadeira de medicina legal de Instituto Oscar Freire (IOF) da Faculdade de Medicina da USP, apesar de tal nome ter sido adotado em 1931, e da Faculdade de Medicina de São Paulo ter sido integrada a USP em 1933.

[4] LE GOFF, Jacques. *A História deve ser dividida em pedaços?* Tradução: Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora UNESP. 2015. GINZBURG, 1986, op. cit.

Por ora, compete mencionar que a pesquisa recorta o objeto a partir de três círculos concêntricos sobrepostos, definidos enquanto durações e temporalidades de diferentes níveis de determinação que permeiam a história do Instituto Oscar Freire, sempre tendo em vista a abordagem da micro-história indiciária. A figura abaixo esquematiza esses recortes simplificadamente:

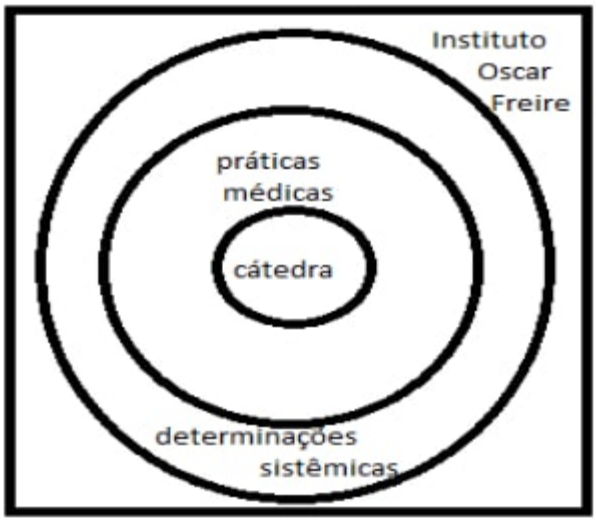


**Figura 1**. Esquema ilustrando os recortes do objeto.

O círculo central a partir do qual se expandem os demais é delineado pelas temporalidades da cátedra de medicina legal — núcleo diretivo e pedagógico da instituição –, posição ocupada por Oscar Freire entre 1918 e 1923 e depois por Flamínio Fávero entre 1924 e 1955. Essa escolha não se pretende personalista, porque considera a posição de agentes da instituição antes das questões subjetivas; não obstante, reconhece que as respectivas trajetórias singulares dos catedráticos são convergências de linhas de força que uma abordagem meramente estrutural da história do Instituto não seria apta a distinguir. No caso específico desses agentes, documentos como o livreto "XXV aniversário do Instituto Oscar Freire", de 1943, permitem delinear um amplo espectro de atuação e posicionamento privilegiado em hierarquias institucionais educacionais, médicas, jurídicas e penitenciárias pelos agentes que ocupavam a cátedra.

Assentado acima desse primeiro círculo, definiu-se o segundo campo de temporalidades que plasmam a história do Instituto Oscar Freire como a dimensão das práticas médicas em São Paulo no período, o que integra o processo de institucionalização médica e sanitária no estado, com foco na montagem da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, e seus vínculos com a disseminação da medicina laboratorial e experimental, a formação da corporação médica e sua integração ao mercado de trabalho, a ascensão das especialidades, dos especialistas da medicina tecnológica e, enfim, a consolidação da medicina legal dentro desses contextos[5]. Esses diversos processos médicos são fundamentais para história do Instituto Oscar Freire, e ainda que a pesquisa não pretenda se aprofundar em cada temática separadamente, entende-se que a consolidação da medicina legal e a montagem do Instituto Oscar Freire não podem ser entendidas sem se considerar as especificidades e os contextos das práticas médicas.

[5] DONNANGELO, Maria Cecília Ferro. *Medicina e sociedade*: o médico e seu mercado de trabalho. 1° Edição. São Paulo: Pioneira, 1975. SCHRAIBER, Lilia Blima. *O Médico e Seu Trabalho*: Limites da Liberdade. 1° Edição. São Paulo: Hucitec, 1993. MOTA, André, *Tropeços da Medicina Bandeirante*: Medicina Paulista entre 1892 – 1920. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2005. SCHRAIBER, Lilia Blima; MOTA, André. Medicina sob as lentes da História: reflexões teórico-metodológicas. *Ciência & Saúde Coletiva. v.*19 n.4, 2014, pp.1085-1093.

No nível superior, consideramos as determinações sistêmicas estruturantes, de ordem econômica, política e cultural internalizadas no Instituto Oscar Freire que alteraram seu funcionamento e sua história. Tais linhas de força frequentemente definiam as possibilidades dos agentes e as finalidades sociais das normatividades e práticas médicas, e auxiliam a posicionar o Instituto Oscar Freire na sociedade em que estava inserido. Processos sistêmicos de longa-duração na sociedade brasileira e paulista, como a transição conflituosa de uma sociedade agrícola para uma urbana industrial, devem ser considerados porque inevitavelmente afligem a história do IOF.

Os recortes do objeto histórico, embora sejam imprescindíveis, não podem ser dissociados do conhecimento histórico produzido e acumulado pela historiografia, que fundamenta, mesmo que implicitamente, as próprias categorias adotadas pelo pesquisador. Dessa forma, se faz necessário apontar brevemente os diálogos historiográficos que concedem sentido e lógica histórica a esses recortes do objeto de pesquisa, para depois apresentarmos os documentos e seguirmos para conclusão desta apresentação.

**Apontamentos historiográficos e bibliográficos**

Procedimento igualmente marcado por escolhas do pesquisador, o diálogo historiográfico define aproximações e distanciamentos de uma pesquisa histórica tanto do ponto de vista acadêmico quanto conceitual. Nesta apresentação, o objetivo é mencionar referências fundamentais para os recortes operados na história do Instituto Oscar Freire — a cátedra, as práticas médicas, e as determinações sistêmicas —, que apesar de não encerrarem os diálogos intertextuais planejados, abrangem os campos essenciais de fundamentação historiográfica.

Em relação ao primeiro, trata-se do menos abordado pela academia, e nenhuma monografia historiográfica foi encontrada sobre a história da cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da USP — o que não significa que as obras que se referem ao tema sejam irrelevantes. Embora a história da cátedra apenas tangencie seus próprios objetos de pesquisa, trabalhos de Mariza Corrêa, Luís Ferla, José Antunes, Marcos Álvarez e Jorge Carreta, dentre outros, disponibilizam apontamentos historiográficos valiosos[6]. Não é o caso de descrever cada uma das pesquisas, cabe aqui somente considerar como observação comum a todos que a cátedra de Medicina Legal catalisou a institucionalização do ensino e da prática experimental laboratorial da especialidade, bem como disseminou ideais de patologização do ato antissocial, de individualização da pena, de intervenção profilática e de normatização médica da sociedade. A ação dos catedráticos durante a primeira metade do século XX, focada no ensino das futuras gerações de peritos paulistas, contribuiu decisivamente para o surgimento de uma comunidade médico-legal paulista integrada por aspectos técnicos, tecnológicos e morais compartilhados a partir das salas de aula e dos laboratórios. Nesse sentido, as trajetórias de ascensão profissional de Oscar Freire e de Flamínio Fávero à posição de catedrático indicam um contexto personalista da montagem da cátedra, em que as relações individuais, o prestígio pessoal e noções rígidas de hierarquia

[6] CORREA, Mariza. *As ilusões da Liberdade:* a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. Bragança Paulista: EDUSF, 1998. CÔRREA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a "garantia da ordem social". Revista USP, São Paulo. v. 68, n.4, 2005, pp. 130-139. ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral:* pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). 1ª ed. São Paulo: Edunesp, 1999. FERLA, Luís. *Feios, Sujos e Malvados* – do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945). 1ª ed. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2009. ALVAREZ, Marcos Cesar. *Bacharéis, criminologistas e juristas:* saber jurídico e a nova escola penal no Brasil (1889-1930). 1ª ed. São Paulo: IBCCRIM, 2003. CARRETA, Jorge Augusto. A ceroplastia e a medicina legal na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1934-1950. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, 2016, pp.771-788.

assumiam papel fundamental no preenchimento dos espaços de poder. Uma vez aquartelados na posição de catedrático, tanto Freire quanto Fávero demonstraram comprometimento em preservar uma memória e uma tradição que remetem a Nina Rodrigues, inclusive criando um acervo de peças que ainda é parcialmente preservado.

Caminhando para o segundo conjunto de temporalidades, que trata das determinações das práticas médicas em São Paulo sobre a história do Instituto Oscar Freire, as referências bibliográficas integram títulos historiográficos e em Saúde Coletiva, como as pesquisas de André Mota, Lilia Schraiber, Emerson Mehry, Gabriela Marinho, dentre outras[7]. Resumidamente, a partir dessa bibliografia deve-se situar a história do Instituto Oscar Freire no bojo das transformações do meio médico da época, havendo a vantagem de estar a história do Instituto Oscar Freire sincronizada com a história da Faculdade de Medicina da USP. O processo de apogeu e colapso da medicina liberal, integra tanto a história da Faculdade de Medicina quanto do Instituto Oscar Freire e, de forma geral, ambas as instituições favoreceram o sentido das mudanças promovidas nas políticas de saúde após 1930, marcadas pela centralização e intervenção estatal em que se consolida a figura do médico assalariado e a importância das especialidades médicas a despeito da medicina liberal generalista. O trabalho médico cada vez mais especializado e tecnológico incorporou-se definitivamente ao Estado e às empresas a partir dos anos 1930, e nesse contexto as especialidades médicas lutaram para estabelecer suas prerrogativas, seus espaços de mercado e seus objetos de intervenção – e nessas disputas, o Instituto Oscar Freire certamente foi relevante.

Por fim, sobrepostas as temporalidades da prática médica, devemos traçar um breve panorama dos apontamentos historiográficos que delineiam processos econômicos, políticos e culturais que determinam uma duração mais longa da história do Instituto Oscar Freire. Grosso modo, o aspecto essencial de se mencionar aqui a partir dessa historiografia é que a consolidação institucional da medicina legal — da qual o Instituto Oscar Freire é um dos núcleos paulistas — é parte integrada de um processo histórico de modernização por vias conservadoras do Estado e da sociedade brasileira no século XX, após a desarticulação social do Antigo Regime e do sistema escravista, e indica um novo alinhamento sincrônico entre as instituições republicanas, uma elite social remodelada e os projetos biodeterministas da profilaxia, do higienismo, da eugenia e do racismo científico[8]. Em São Paulo, o protagonismo nacional nesse novo arranjo engendrou diversas criações simbólicas sobre a excepcionalidade civilizatória do povo de Piratininga, organizadas sob a égide do paulistanismo, constantemente tensionado pela realidade de

---

[7] MOTA, André, *Tropeços da Medicina Bandeirante*: Medicina Paulista entre 1892 – 1920. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2005. SCHRAIBER, Lilia Blima. *O Médico e Seu Trabalho*: Limites da Liberdade. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993. MOTA, André & SCHRAIBER, Lília Blima. Mudanças corporativas e tecnológicas da medicina paulista em 1930. Rio de Janeiro: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2009, pp. 345-360. SCHRAIBER, Lilia Blima; MOTA, André. Medicina sob as lentes da História: reflexões teórico-metodológicas. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 19, n. 4, 2014, pp. 1085-1093. MERHY, Emerson Elias. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2002. MARINHO, Maria Gabriela S. M. C.. *Elites em negociação*: breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo (1916-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

[8] MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia (org.) *A Danação da Norma* – Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Graal, 1978. CORREA, Mariza. *As ilusões da Liberdade:* a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. Bragança Paulista: EDUSF, 1998. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. MOTA, André, *Quem é Bom já Nasce Feito:* Sanitarismo e Eugenia no Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003. MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. & MOTA, André.(org.). *Coleção Medicina, Saúde e História.* São Paulo: Faculdade de Medicina/USP, Casa de Soluções Editora. 8 volumes, 2011-2015.

crescimento desenfreado da cidade, da indústria e do crime[9]. Qual foi a ocorrência local desses processos e como eles foram interiorizados no Instituto Oscar Freire? Por vias opostas, qual sentido das ações exteriorizadas socialmente pela instituição na longa-duração? Pretende-se chegar a uma resposta a essas perguntas através da pesquisa documental.

A bibliografia fornece apontamentos que direcionam o foco do pesquisador sobre seu objeto, mas muitas vezes suscitam perguntas e questionamentos, que sobretudo para a História só podem ser respondidos mediante abordagem em documentos e testemunhos. Portanto, se faz necessário apresentar o fundo documental da pesquisa, para enfim prosseguirmos às considerações finais.

**Documentos e indícios**

O material empírico do estudo está inventariado no fundo documental da pesquisa, e é atualmente composto por 443 objetos dos acervos do Instituto Oscar Freire e do Museu Histórico Carlos Silva Lacaz da Faculdade de Medicina da USP. O fundo documental organiza-se em séries documentais, que visam delimitar um campo coerente relacional para cada peça, e ao mesmo tempo garantir um amplo depositário de objetos – vistos sempre através de suas relações perspectivas, nunca isoladamente.

A partir da abordagem serial combinada com a metodologia indiciária, a pesquisa abarca grande diversidade de documentos, incluindo tomos de livros científicos, coletâneas de necropsias e de laudos periciais, imagens fotográficas, objetos pessoais de médicos legistas, registros de aulas, esculturas de cera, desenhos e gravuras didáticas, peças orgânicas necropsiadas e usadas pedagogicamente, dentre outros tipos de objetos.

Evidentemente, não é cabível demonstrar cada série, tampouco cada documento nesta ocasião, mas nos parece cabível descrever três exemplares que evidenciam a pluralidade das fontes da pesquisa, inclusive para respaldar os recortes do objeto e as associações historiográficas explicitadas acima.

Em primeiro lugar, gostaria de apresentar a série de livros de registros de aulas, composta por quatro livros encadernados com centenas de registros, escritos à mão, das atividades realizadas em sala de aula durante os cursos regulares e de extensão em medicina legal, assinadas pelos professores catedráticos de 1919 até a década de 1950.

A fotografia a seguir exibe os registros das três primeiras aulas do ano de 1919, realizadas nos dias 13, 18 20 de março, que relatam respectivamente: "Lição inaugural, exposição da orientação do programma. O ensino technico da Medicina Legal na perícia médica, estado atual da questão"; "Origem e constituição da medicina legal, sua delimitação como disciplina individualizada, sua alçada em relação às práticas judiciárias e às ciências penais"; e finalmente, "Relações da Medicina Legal com a Medicina Clínica e com as sciências biológicas. Ensino de Medicina Legal: necessidade de instrução technica especial para os medicos peritos, instrução médico legal insufficiente aos clínicos; instrução médico-legal conveniente aos juristas. Evolução do ensino da Medicina Legal no Brasil." Os três registros estão assinados por Oscar Freire, porém, na

[9] ABUD, Kátia. *O sangue intimorato e as nobilíssimas tradições*. A construção de um símbolo paulista: o bandeirante. (Tese de doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1985. MOTA, André, *Tropeços da Medicina Bandeirante*: Medicina Paulista entre 1892 – 1920. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

segunda aula também consta a assinatura de Flamínio Fávero no canto esquerdo; à luz dos registros posteriores, podemos afirmar pelos traços caligráficos que foi Fávero quem registrou as observações da segunda aula no caderno. Das diferentes questões que este pequeno trecho da documentação suscita para história do Instituto Oscar Freire, de temáticas pedagógicas, epistemológicas e técnico-científicas, o mais notável aqui parece ser o indício de que Flamínio Fávero, logo após sua formatura na primeira turma da Faculdade em 1918, já assistia Oscar Freire na realização das atividades da cátedra de medicina legal, o que certamente ajuda a explicar sua ascensão ao posto de catedrático cinco anos depois, com somente 29 anos de idade.

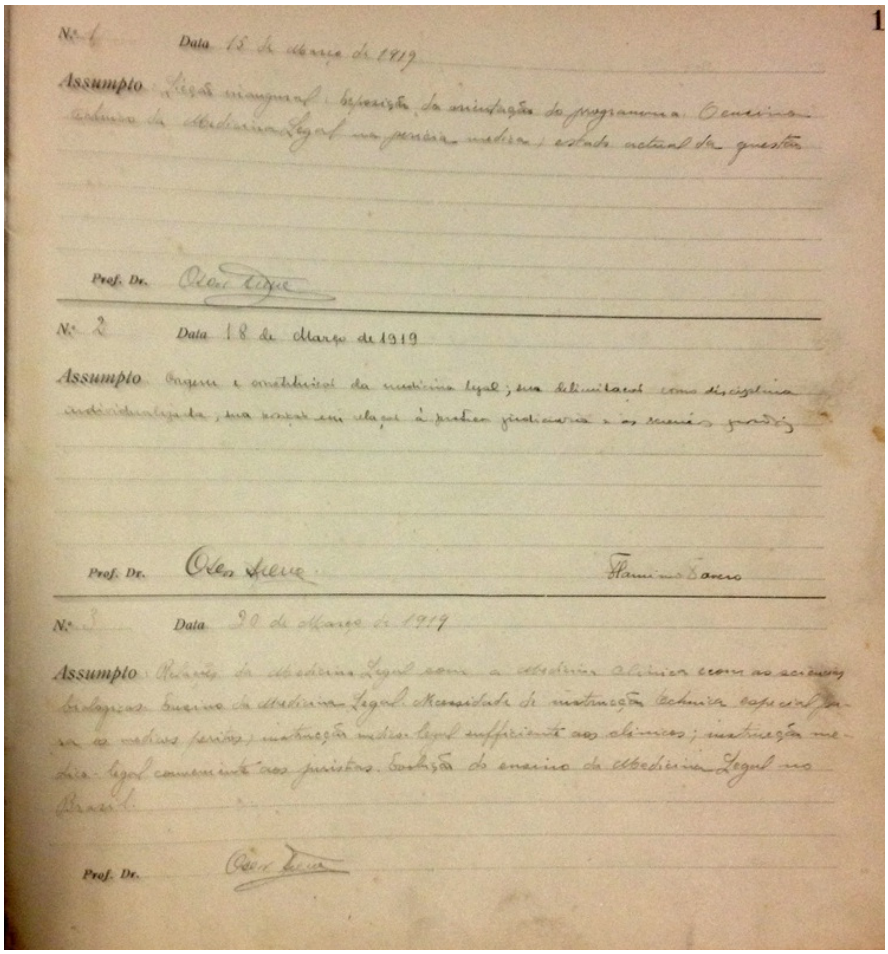


**Figura 2**. Livro 1 de Registro de Aulas. Acervo do Museu Técnico-Científico do Instituto Oscar Freire, peça localizada no Armário 1, prateleira 2, p. 4. Fotografia do autor.

Em segundo posto, devo mostrar duas imagens que retratam o mesmo objeto — o vitral superior da fachada leste do prédio do Instituto; trata-se de um negativo do vitral atribuído à década de 1930, e uma fotografia contemporânea do mesmo vitral, que foi reformado e teve alguns componentes alterados, mas o eixo central conservado.

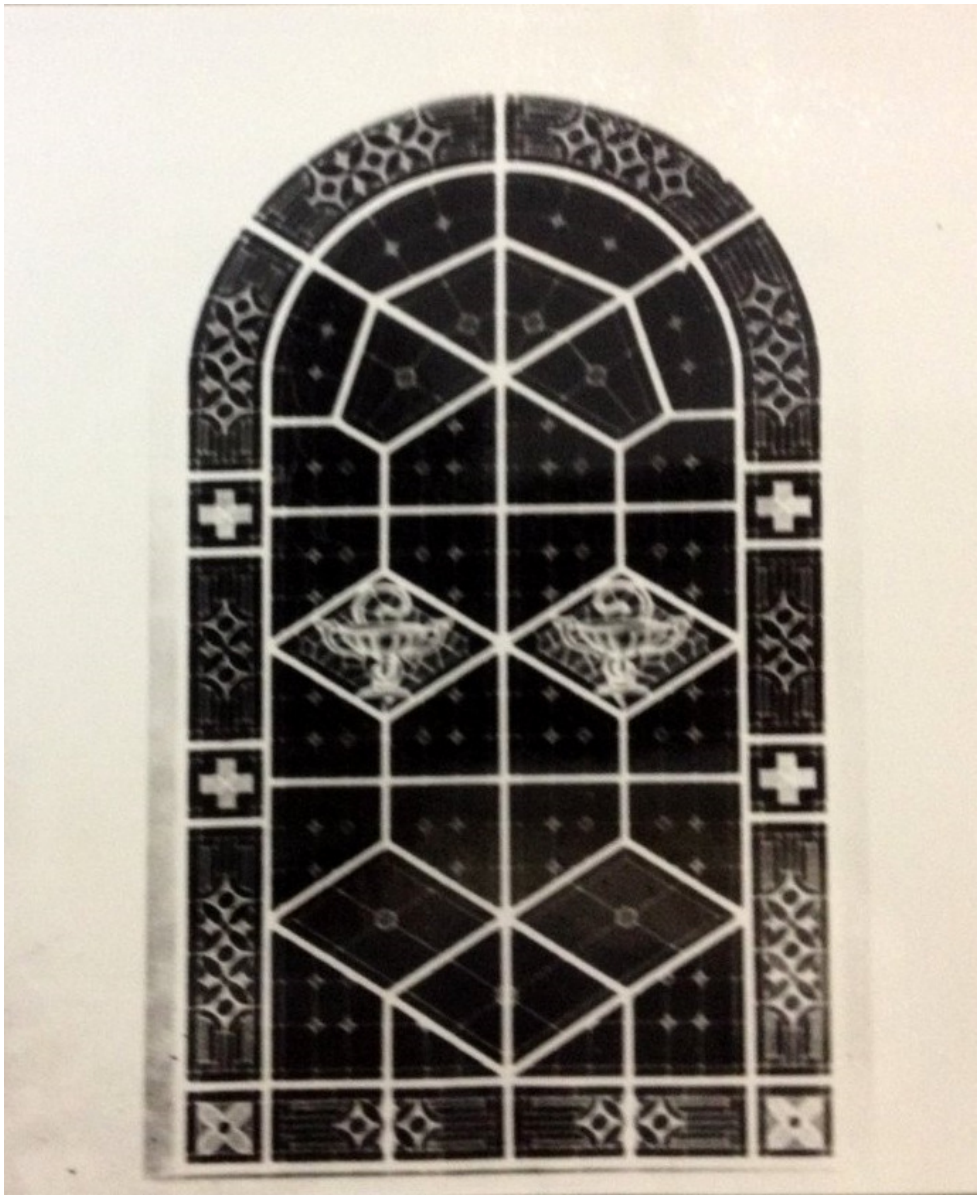

**Figura 3.** Negativo 17. Acervo do Museu Técnico-Científico do Instituto Oscar Freire, peça localizada no Armário 1, prateleira 4. Fotografia do autor.

**Figura 4.** Vitral situado no segundo andar do prédio do Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP, rua Teodoro Sampaio, n°115. Fotografia do autor.

O vitral enquanto documento visual suscita diversas questões acerca das linhas de força sobre as esferas do visível, da visão, e da visibilidade[10] no Instituto Oscar Freire. Sua posição arquitetônica privilegiada confere poder aos símbolos evocados; a sutileza semiótica das associações é camuflada pelas diversas cores e formatos, mas é relativamente fácil ver os três signos centrais, que transmitem significados complementares. Nos cantos, na altura central, tem-se o símbolo da cruz vermelha com fundo branco, referência à cruz da ordem de cristo dotada de profundas significações civilizatórias, no Brasil e em Portugal; no centro, o cálice de Higeia aparece duplicado; e, na faixa vertical principal, observa-se uma forma fálica definida pelas hastes pretas e pela cor púrpura nas extremidades. É descuidado fazer afirmações categóricas a partir de fontes visuais analisadas isoladamente, e o risco de se recair em generalizações e análises

[10] MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v.23, n45, p.11-36. São Paulo: ANPUH, 2002.

superficiais é bastante reconhecido pela historiografia. Não obstante, a análise indiciária dos símbolos na história do Instituto Oscar Freire deve contribuir para criar associações entre aspectos culturais, educacionais, pedagógicos e médicos aparentemente desconexos.

Por fim, devo mencionar brevemente o documento citado no início da apresentação: o livreto "XXV aniversário do Instituto Oscar Freire", de 1943, escrito pelo então catedrático Flamínio Fávero. Na obra fica explícito o interesse de conferir legitimidade histórica à medicina legal paulista, e no trecho escolhido encontramos a primeira referência ao termo "escola paulista de medicina legal", expressão que a partir da década de 1950 se torna corrente. Nas palavras de Fávero:

> Nestes 25 anos de atividades, a cadeira de medicina legal tem estado na altura das tradições de seu fundador. Honrou-lhe a memória. Cumpriu, pois, o seu dever. Por isso, mantendo intercâmbio cultural com os principais institutos congêneres do Brasil e do estrangeiro, de toda parte recebe as mais elogiosas apreciações sobre o valor das atividades que desempenha. É mesmo apontada, pelos visitantes ilustres que lhe percorrem as instalações, como um dos principais centros de cultura médico legal do mundo. Sua orientação doutrinária é sempre a da Escola de Nina Rodrigues, recebida através de Oscar Freire. Tem já, naturalmente, aspectos próprios que o regime de tempo integral permitiu criar. Assim razoável é falar numa escola paulista de medicina legal, ramo do fecundo tronco baiano de que direta e indiretamente se esgalharam Afrânio Peixoto, Oscar Freire, Alcântara Machado, Diógenes Sampaio, Estácio de Lima, Leonídio Ribeiro, Almeida Júnior, Arthur Ramos, dentre os principais discípulos da escola de Nina Rodrigues.[11]

A análise indiciária permite apreender do trecho, dentre outros aspectos, a tradicional visão linearista da história medicina legal, consagrada pela imagem da árvore do conhecimento, metáfora adequada à construção de uma narrativa da progressiva evolução orgânica da medicina legal com base no "fecundo tronco baiano" germinado a partir de Nina Rodrigues, e do qual se esgalharam — sem conflitos nem tropeços, mas com naturalidade — os diversos ramos regionais. Essa visão evolutiva não somente oculta conflitos acirrados na conformação do escopo da especialidade, como também atribui à "escola paulista de medicina legal" o papel de herdeira excepcional de uma tradição nacional, que tem como corolário o *dever* de honrar a memória dos mestres passados.

Ao considerar sinais documentais como a postura estratégica de Fávero, os símbolos do vitral e os registros das aulas da cátedra, é possível perceber como a análise de documentos de diferentes linguagens traz à tona problemáticas que complexificam o entendimento da história do Instituto Oscar Freire, , muitas vezes, ao invés de confirmarem as explicações historiográficas e as hipóteses iniciais, tensionam as categorias do historiador e o obrigam a equilibrar a triangulação entre análise documental, quadro teórico metodológico e debate historiográfico mediante a adoção de constante perspectiva crítica.

No retorno as tensões do ofício do historiador, de onde se iniciou o percurso da apresentação, caminhamos para conclusão desse breve esforço para demonstrar os apontamentos conceituais, historiográficos e documentais da pesquisa histórica sobre o Instituto Oscar Freire.

---

[11] FÁVERO, Flamínio. *XXV Aniversário do Instituto Oscar Freire*. São Paulo: Instituto Oscar Freire. 1943. p. 16-17. Peça do acervo do Museu Técnico-Científico do Instituto Oscar Freire.

**Considerações finais**

A produção historiográfica francesa — que possui grande influência sobre esta Faculdade, como atesta o nome do auditório em que estamos — é marcada pelo constante balanço crítico de seus enunciados e de sua própria história, inclusive em diálogo (e por vezes conflito) com as demais áreas das ciências humanas, como a antropologia, a sociologia e a linguística. Esse exercício certamente se associa com a construção da categoria profissional do historiador, cuja identidade encontra-se fortemente assentada nos espaços sociais destinados à produção do conhecimento histórico (sobretudo nas universidades), com suas regras de funcionamento e validação. Não obstante, o constante balanço crítico sobre a produção historiográfica responde também às exigências contínuas de construção epistemológica da história, fundamentada na reflexão sistemática sobre os métodos e o lugar da teoria na produção do conhecimento histórico, como forma de responder aos desafios e transformações da pesquisa histórica e das necessidades sociais postas pela contemporaneidade.

A micro-história emerge de desafios epistemológicos e sociais nas décadas de 1980 e 1990, e de forma geral privilegia uma abordagem antropológica da história, com foco nas particularidades dos contextos locais, atenta às relações intersubjetivas e ao papel dos corpos e dos agentes, das escolhas do cotidiano e dos hábitos, que se traduz na diversificação dos documentos analisados e em novas problematizações acerca da narrativa, do discurso e da linguagem. Pensar a história do Instituto Oscar Freire frente às necessidades atuais, todavia, implica perspectivar a abordagem da micro-história indiciária a novos desafios epistemológicos e sociais contemporâneos, que consistem fundamentalmente na necessidade de integrar temporalidades fraturadas através de uma leitura horizontalizante, que não camufle seus recortes nem desconsidere o que é marginal, mas permita entender as relações entre a parte e o todo dentro de contextos estruturados e estruturantes. A história cultural marxista fornece ferramentas para matizar a abordagem em micro-história com gradativos de sistematicidade em torno das categorias do materialismo histórico, e pesquisas recentes demonstram a eficácia entre o cruzamento bibliográfico das perspectivas de Ginzburg, Levi e Revel com enunciados de Gramsci, Thompson e Hobsbawm.

Através desse cruzamento, a investigação histórica é capaz de transitar entre uma matriz explicativa sistêmica, atenta às determinações de longa-duração, e uma matriz analítica da minúcia da prática e do ato humano; portanto, limitar a micro-história a uma abordagem restrita somente à temporalidade do tempo curto e à lógica interna do objeto é um erro que impossibilita a leitura das sobreposições de temporalidades diferentes, que estão de fato internalizadas no objeto histórico não como cristalizações, mas como circularidades em movimento sincrônico ou dissonante entre si, motivando rupturas e permanências no objeto.

O saber indiciário e a abordagem em micro-história, como demonstra Carlo Ginzburg, tem a capacidade de percorrer o trajeto dessas circularidades temporais e revelar não somente especificidades de tramas intersubjetivas, mas também os alicerces culturais de uma sociedade — o que Ginzburg realiza com maestria nos textos *O Queijo e os Vermes* e *Freud, o homem dos lobos e os lobisomens*, para mencionar apenas dois títulos[12].

[12] GINZBURG, Carlo. Freud, o homem dos lobos e os lobisomens. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais* – morfologia e história. Tradução: Frederico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes* – o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

À luz desses elementos, a pesquisa sobre a história do Instituto Oscar Freire pode se alicerçar com clareza no tripé do conhecimento histórico composto pelos fundamentos teórico-metodológicos, o debate historiográfico e a análise documental, posicionamento que compõe o objetivo primordial desta apresentação.

Para encerrar, num momento em que a história da ciência é cada vez mais atravessada pelos debates interdisciplinares, parece importante ressaltarmos a especificidade do conhecimento histórico e do ofício do historiador, não como tentativa de salvaguardar prerrogativas, mas como contribuição ao entendimento deste campo tão estratégico e tão vital para a contemporaneidade. Nada melhor para isso do que ceder a palavra a Edward Thompson, defensor inequívoco do valor e da peculiaridade do conhecimento histórico; no trecho, se é certo que Thompson exibe certo perfil ácido mais ou menos típico dos historiadores, também é indubitável que encarna a perspectiva crítica que faz da história uma disciplina inesgotável, em permanente renovação:

> A explicação histórica não pode tratar de absolutos e não pode apresentar causas suficientes, o que irrita muito algumas almas simples e impacientes. Estas supõem que, como a explicação histórica não pode ser Tudo, é portanto Nada, apenas uma narração fenomenológica consecutiva. É um engano tolo. A explicação histórica não revela como a história deveria ter se processado, mas porque se processou dessa maneira, e não de outra; que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade; que certos tipos de acontecimentos (políticos, econômicos, culturais) relacionaram-se, não de qualquer maneira que nos fosse agradável, mas de maneiras particulares e dentro de determinados campos de possibilidades; que certas formações sociais não obedecem a uma 'lei', nem são os 'efeitos' de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de processo. E assim por diante. E muito mais. Nosso conhecimento pode não satisfazer a alguns filósofos, mas é o bastante para nos manter ocupados.[13]

[13] THOMPSON, Edward P. *A Miséria da Teoria*. Tradução: Waltensir Dutra. 1ª ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 61.